

# A definição de uma ética não normativa no pensamento do jovem Mário Sottomayor Cardia

Prof. Dr. Manuel Filipe Canaveira  
(Universidade Nova de Lisboa – Lisboa - Portugal)  
[mfcanaveira@gmail.com](mailto:mfcanaveira@gmail.com)

**Resumo:** O pequeno ensaio sobre o qual se debruça esta comunicação foi publicado em 1960 no periódico O Médico (Nº 436), quando o seu autor tinha apenas 19 anos. Apesar de ser um escrito juvenil, não comparável em termos de profundidade filosófica aos que Mário Sottomayor Cardia publicou já na maturidade da sua carreira docente e de ensaísta, o certo é que este seu texto inicial revela já uma enorme competência em termos metodológicos e epistemológicos. Numa época em que imperavam os grandes sistemas morais de raiz cristã na conservadora sociedade portuguesa dos finais dos anos cinquenta, Mário Sottomayor Cardia "atreve-se" a defender uma ética minimalista -quando comparada aos excessos maximalistas da moral do status quo político, social e económico implantado pelo Estado Novo - com um certo pendor utilitarista, que aliás se reforçou nos seus escritos posteriores sobre ética. A Guerra Fria e os seus dilemas éticos também surge, também, com alguma evidência, neste opúsculo do jovem Mário Sottomayor Cardia.

**Palavras-chave:** Empirismo; Epistemologia; Ética; Guerra Fria; Iluminismo.

## 1. Considerações iniciais

O vício historiográfico de situar no tempo sincrónico, geralmente designado por época ou era, as ideias e pensamentos filosóficos, na ânsia *historicizante*, que já é do domínio da diacronia, de buscar causas para o seu surgimento, entra quase sempre em conflito com o fascínio da reflexão ontológica pela *ahistoricidade* da essência de um ser; ou seja, pelo conjunto das suas propriedades definidoras que não dependem do carácter accidental da substância que lhe confere realidade e atualidade.

Não vamos agora razeoar sobre a primazia do essencialismo platónico sobre o existencialismo de raiz tomasiana, porque não é esse, como é evidente, o objecto deste despretenhioso estudo sobre um texto alusivo à ética não normativa redigido por um jovem não filósofo - mas com legítimas aspirações a sê-lo - chamado Mário Sottomayor Cardia.

O mau costume historiográfico já mencionado aflorará inevitavelmente nos parágrafos seguintes. Com efeito, poucos conseguem livrar-se totalmente da sua formação académica de base quando entram em domínios que não lhe são próprios em termos metodológicos, razão por que talvez seja melhor desistir de combater aquilo se apresenta como inevitável.

## 2. O pensamento ético de Sottomayor Cardia

Dizíamos que o autor do artigo intitulado *Notas para definição de ética não normativa*,

publicado em 1960 em *O Médico* (nº 436) não era propriamente um filósofo, e isto porque, pelo menos em termos acadêmicos, aos 19 anos ninguém é ainda o que depois virá a ser. Posso estar enganado nesta minha afirmação, porque sempre existem exceções que confirmam a regra, mas, mesmo nesses casos quase únicos, é raro existir público reconhecimento de que de fato o são. Em termos administrativos isso ainda é mais evidente, pois, é preciso em geral possuir títulos universitários para que a sociedade e a ordem estabelecida reconheçam a alguém a qualidade de filósofo, conquanto muitos que os possuem nunca tenham sido, nem nunca serão, tal coisa. Mas isso também sucede nas outras áreas do saber, porque em todas existe uma diferença entre criatividade e erudição.

A juventude do autor e a complexidade do tema que suscita a sua reflexão, aliado a um contexto social, político e econômico de mudança de valores, impõem, a nosso ver, que nos interroguemos sobre os motivos que impelem um jovem, necessariamente imaturo (por muito inteligente que se possa ser, há certas coisas que só a idade traz), a aventurar-se nesse mundo nada prosaico da axiomática formalizada, que não se compadece com os facilitismos hipotético-dedutivos da mera intuição, em regra limitada à experiência.

Afigura-se-nos que o desafio último - não enunciado, mas cremos que implícito - a que o jovem Cardia se propõe dar resposta neste seu primeiro ensaio, é o de testar a validade desse axiomatizar ético que não visa a Ética propriamente dita, mas sim a de testar a validade dessas regras morais simples, passíveis de serem interiorizadas pela gente comum (meninos da escola primária e da catequese incluídos), que decorrem de uma Moral teórica, por definição organizada e coerente, que aspira sempre à universalidade (veja-se, por exemplo, o manifesto para uma ética planetária defendida por Hans Kung e Kar-Josef Kuschel)

Ainda assim, a escolha parcial que faz de uma ética racional, quiçá reveladora da sua propensão para uma moral racionalista, que prefere as deduções lógicas à diversidade e imprevisibilidade da vida quotidiana, que sempre trazem à baila problemáticas filosóficas que resultam da tensão entre a realidade social e a mundividência decorrente do caráter normativo de qualquer sistema de Moral, que sempre veiculam valores ditos universais e os hierarquizam em função de uma concepção de bem supremo, de fundamento da obrigação ou de natureza e valor da consciência moral.

Isso não significa, porém, que o jovem Cardia não pretenda libertar-se dessas concepções maximalistas de moral que predominam na sociedade onde vive. O *paternalismo* de sabor *Ancien Régime* de Miranda Barbosa, que predomina no "status quo" universitário coimbrão, por preferir o

"súbdito" ao "cidadão", origina sobretudo a *forma menor* do *cortesão* dissimulado e deslumbrado pelo aparato do poder, mas, mesmo que o torne num *mandatário*, essa posição de *segundo plano* (MFC - 3291 - SOVERAL, p. 84) não propicia, a seu ver, o aparecimento de indivíduos com querer e capacidade de se libertarem do mundo das sombras para alcançarem ideias claras e distintas que lhes darão a incumbência de libertarem a Humanidade das cadeias que a agrilhoam nesse abismo cavernal onde vegeta (CARDIA, p. 3).

O jovem Cardia não acredita, por conseguinte, em adutores e servis que manobram *nos bastidores dos poderes constituídos* (MFC - 3291 - SOVERAL, p. 85), mas sim no indivíduo que, esforçando-se por estabelecer relações constantes que permitam a inteligibilidade dos fenômenos percebidos, adquire a possibilidade de agir sobre si próprio e, do mesmo passo, influenciar a sociedade no seu todo (CARDIA, p. 3). Só o indivíduo detentor de uma ideia simples e clara do mundo que o rodeia, pode evadir-se desse quotidiano áspero, lorpa e desesperantemente vazio de que falava Einstein, cientista que o jovem Cardia cita, decerto por o considerar o símbolo contemporâneo do indivíduo que, por ter alcançado uma concepção científica do universo, conseguiu triunfar desse prosaísmo alienador que subjuga a mole humana. Mas não nos equivoquemos com a fraseado de cariz platônico utilizado neste ensaio, o que aqui prepondera é o conhecimento científico que postula o determinismo e teoriza, pela via indutiva, a sua estrutura, condição *sine qua non* para o indivíduo se tornar a si próprio como agente decisivo para a superação desse mesmo determinismo, sobretudo moral, que é aquele que mais dificulta a emancipação da Humanidade, impedindo-a de se tornar senhora do seu próprio destino (atente-se na citação de Alexis Carrel, que não deixa dúvidas sobre a feição não historicista desse porvir em permanente realização).

Esse conhecimento teórico tem as suas consequências, evidentemente. Exige, desde logo, um constante ajustamento dos avanços científicos com o progresso da Justiça, como obtemperava Langevin, de molde a evitar a utilização das novas tecnologias para *fins eticamente errados*, designadamente as de armas de destruição maciça, por serem aquelas que, no limite, afetem a existência da própria Humanidade. Em tempos de Guerra Fria, o jovem Cardia apela ao consenso entre os líderes mundiais, só possível se houver um melhoramento do nível médio do convívio humano (digressão kantiana, talvez, que não torna o autor um kantista assumido, pois logo se afirma que não é com base numa moral do dever que isso se alcança; bem pelo contrário, é libertando o homem de formalismos que possam dificultar o contante ajustamento dos valores éticos e das normas deles decorrentes aos incessantes desafios que inovação tecnológica coloca à Humanidade,

os quais não poderão ser evitados ou sequer iludidos, já que são o cerne da concepção iluminista de progresso e modernidade.

Esta variabilidade dos costumes, sempre dependentes das épocas e da evolução das diferentes colectividades, aponta, decerto para posições mais empiristas e estão longe do carácter universal das doutrinas inatistas, sejam elas de origem divina ou humanas; ou seja, afetivas, instintivas ou racionais. Tudo neste texto está mais próximo da ideia que a consciência moral se adquire gradualmente e é uma exigência do próprio evoluir social. Nesse ininterrupto processo de ajustamento à realidade social circundante, a consciência moral das sociedades e dos indivíduos estabelece os seus valores fundamentais em função da injustiça e da opressão e não da ideia de felicidade. O jovem Sottomayor Cardia não é, parece-nos, um hedonista assumido, pois não busca um prazer imediato dos sofistas ou o prazer estável de cariz epicurista, estando também longe dessa aritmética dos prazeres que conduz à busca do prazer maior proclamado pelo utilitarismo benthamista.

Existe, porém, de modo implícito, a ideia de interesse geral e da sua sobreposição ao interesse particular, que talvez se aproxime da segunda geração do utilitarismo (Stuart Mill), na sua evolução doutrinária para os sentimentos altruístas e humanitários. Essa tangente não nos habilita, contudo, a classificar o texto ora em análise de neo-utilitarista, parecendo-nos mais sensato defender que ele é, antes de mais, tributário do ideal cívico sergiano, autor que é, aliás, referido de modo expresso. Daí que, em nossa opinião, não seja claramente detectável no pensamento do jovem Sottomayor Cardia algo que fosse susceptível de poder evoluir no sentido da fundamentação de uma ética minimalista que, conforme se jactam os neo-utilitaristas hodiernos, não pretende provar qualquer supremacia moral, mas apenas resolver dilemas morais ante problemas concretos.

Mas se nos interrogarmos se o jovem Sottomayor Cardia estaria mais próximo de uma moral prática do que das morais maximalistas presentes nas diferentes *Weltanschauungen* que disputaram entre si a supremacia moral ao longo de todo o século XX, então admitimos que sim. Com efeito, ao afastar-se de uma conceptualidade ou discursividade morais (onde se busca construir normas abstratas de conduta), para poder privilegiar o mundo do concreto, ele assume uma maior proximidade à epistemologia das ciências exatas e, em consequência, aparta-se do chamado pensamento puro, em regra muito cultivado pela aristocracia intelectual que aprecia o jogo poético, que é a parte lúdica da usual especulação filosófica que justifica o ócio dos Antigos. Em síntese, a não normatividade da ética do jovem Sottomayor Cardia visa, antes de mais, rejeitar os grandes sistemas morais veiculados pelas ideologias políticas (como o era, por exemplo, a ética do Estado

Novo estudada por Costa Brochado num livro editado em 1959), preferindo cingir-se a objetivos mais limitados, decerto próximos daqueles a que se refere Sant'Anna Dionísio, em 1969 num trecho significativo de um texto de mera divulgação:

Sem querer ou por querer, todas as obras concretizantes, - de memórias ou de viagens, de ciência ou literatura -, são, de certo modo, formas de esforçada atenção ao real menor que o "pensamento puro", por via de regra, com as duras mandíbulas das categorias, inexoravelmente esmaga. Por isso, um dos filósofos mais subtis dos princípios deste século (Bergson) escreveu um dia que o mais grave pecado do chamado pensamento conceptual ou discursivo era o da embriaguez da Abstração, acrescentando que, se, por hipótese, um espírito de Outro Mundo quisesse tomar exato conhecimento da nossa específica realidade, servindo-se de representações especulativas peculiares das obras de pensamento desse tipo, estaria certamente inibido de saber em que consiste a concreta existência humana e o concreto meio em que ela decorre. (...) Por mais aturado que seja o estudo de uma obra de pensamento abstrativo (seja ela a Ética de Espinosa, ou Metafísica do Estagirita), não é possível saber coisa que preste acerca do concreto do mundo que um filósofo peninsular dos nossos dias familiarmente designava pela expressão: - "eu e a minha circunstância" (SANT'ANNA DIONÍSIO, 1987, p. XXV).

Não admira, pois, que o proto-utilitarismo deste texto de juventude tenha adquirido, em trabalhos posteriores, uma feição *utilitarista*, ainda que mitigada, porque distante dessa tendência hedonista de instituir o prazer como critério de distinção do bem e do mal e da medição da intensidade, certeza, proximidade, pureza, extensão e fecundidade intrínsecas à moral do interesse pessoal de Bentham

Em suma, objetivo que nos parece evidente no texto em análise, não é o de transitar para a sociabilidade e humanitarismo sobre os quais se possa erigir uma moral sentimental de feição maximalista, até porque esse desidério afastaria o seu autor da ideia diretora, e hoje cada vez mais evidente nas formulações minimalistas da ética, de que é o progresso científico que influi, de modo determinante, na formulação das perguntas que suscitam as grandes questões éticas num dado momento. Mais, como sublinha o jovem Cardia, essa tendência irresistível para reforçar a dependência destas em relação àquele, tornou-se ainda mais urgente com os totalitarismos do século XX, que não tiveram o menor reboço em aproveitar a crescente eficiência dos meios técnicos para aniquilar qualquer alternativa à estrutura axiomática pseudo-científica da qual deduzem ideários político-sociais que legitimam práticas governativas. A Guerra Fria nem sequer desmente - antes confirma - tudo o que acabamos de dizer, pois, conforme escreve, quando o chefe de uma potência mundial pode fazer perigar a tranquilidade humana devido aos progressos científicos aplicados à

tecnologia militar, então temos de intensificar o debate sobre a conveniência para o futuro da humanidade de canalizar um número crescente de recursos financeiros para a investigação científica que visa fins eticamente errados, ainda que estes possam estar justificados pelas estruturas sociais existentes. A responsabilidade em orientar o progresso tecnológico em função da felicidade a que a Humanidade aspira, e não do seu aniquilamento, não cabe aos cientistas (imersos que estão nas suas pesquisas lógico-matemáticas ou experiências confirmadoras ou não de hipóteses suscitadas pelo exame atento dos fenômenos naturais), mas à experiência em correlacionar a complexidade dos fatos sociais (por definição irreproduzíveis, logo heterogêneos e não mensuráveis), com vista a uma interpretação de ordem qualitativa, porque enunciada em termos de significação, motivação e valor. Atribuir a um rapaz de dezanove anos uma mundividência filosófica estruturada é talvez o que não se pode fazer sem cometer o erro crasso de confundir a nuvem por Juno. Neste seu primeiro escrito filosófico, Mário Sottomayor Cardia ainda não se desprende por completo do esquemático programa da disciplina de Filosofia do ensino liceal que foi ensinado até ao colapso do Estado Novo em 1974. Esse programa, encontramos-lo, por assim dizer cristalizado, na oitava e última edição do manual de Filosofia de Augusto Saraiva, que data de 1973. Na verdade, o jovem Sottomayor Cardia só "esquece" a Teodiceia, a Metafísica, a Ontologia, a Cosmologia racional, Psicologia racional e a Estética, o que é sintomático, pois as questões da existência e natureza de Deus, espaço e tempo, essência, liberdade e determinismo ou arte e comunicação não o comovem nem demovem em tempos de triunfo das ciências da natureza, cuja natureza e métodos cada vez mais se acham presentes nas ciências humanas (em particular a economia e a sociologia), crescentemente dominadas pela sedução do quantitativo e pelo espírito matemático-geométrico, que não admite grandes especulações metafísicas. Daí o evidente interesse que o jovem Sottomayor Cardia confere neste seu texto à Metodologia e à Lógica Formal (conceito, juízo e raciocínio), em primeiro lugar, depois à Teoria do Conhecimento, onde estriba o seu realismo e recusa o dogmatismo e o cepticismo.

### **3. Considerações finais**

A sua ética não normativa visa o bem na moral científica, não na normatividade do paradigma cristão, cujo caráter transcendental e fim último (prática das virtudes por parte do homem como um meio de se aproximar de Deus) nada dizem ao seu irreverente espírito juvenil. Embora não normativa, a sua ética visa o interesse geral, sobrepondo-o ao particular, que é, em regra, um dos fundamentos do Direito, do qual não está assim tão apartado quanto isso, seja no que

toca ao Direito natural (que é de feição racionalista), ou a uma concepção empirista da jurisprudência, não no plano realista da imposição da lei do mais forte, mas sim da vantagem que para todos resultaria de se prover às necessidades dos seres humanos em geral, as quais não se restringem já àquelas que asseguram a sobrevivência, mas também a todas as outras que o progresso humano vai impondo como essenciais à preservação da cultura e civilização.

### **Definition of a non-normative ethics in young Mário Sottomayor Cardia's thought**

**Abstract:** The short essay which focuses this paper was published in 1960 in the journal *O Médico* ( N° 436 ), when the author was only 19 . Despite being a juvenile writing, not comparable in terms of the philosophical depth that Mario Sottomayor Cardia shows in his later philosophical works, the fact is that the present text already reveals an evident skill in terms of methodological and epistemological knowledge. At a time when the great moral systems prevailed in the conservative Christian Portuguese society of the late fifties, Mario Sottomayor Cardia " dares " to advocate a minimalist ethic - when compared to the excesses of maximalist moral status quo imposed by the New State in political and social terms - with a certain utilitarian dispositions, which, as a matter of fact, were strengthened in his later writings on ethics. The Cold War and its ethical dilemmas also arise with some evidence in this opuscle of the young Mario Sottomayor Cardia .

**Keywords:** Empiricism; Epistemology; Ethics; Cold War; Enlightenment.

Data de registro: 31/05/2013

Data de aceite: 23/08/2013